

Nótulas arqueológicas

Pinturas e insculturas megalíticas

Em fins de setembro de 1922, por ocasião duma excursão geológica ao silúrico de Queiriga (perto de Vila Nova de Paiva), visitei a O. de Sanguinhêdo de Côta (concelho de Viséu) no local chamado das *Antas*, os restos de alguns monumentos dolmênicos. Voltei lá em abril último e encontrei mais alguns desses monumentos, obtendo algumas fotografias e levantando o meu amavel colaborador sr. engenheiro Luís Canavarro de Moraes as plantas dos dolmens de cuja forma é ainda possível fazer uma ideia aproximada. Darei do assunto mais circunstanciada notícia, limitando-me por agora a referir a existência de insculturas (*fossettes*, etc.), nos esteios duma anta, com *tumulús* e comprida galeria, a O. da ribeira do Buraco, nas serras de Côta, e a registar a aparição de pinturas esquemáticas e estilizadas em esteios duma outra anta, que, dada a sua má conservação e a necessidade de garantir tais documentos da arte preistórica contra novos vandalismos, vão dar entrada no Museu Antropológico

da Universidade do Pôrto. Da existência de pinturas em Côtá me falara em Viseu o sr. José Coelho. Não sei se se trata das mesmas.

A meu pedido, o sr. P.^o António de Almeida Côtá fez mais pesquisas e anuncia-me ter descoberto mais algumas pinturas do que as que eu mesmo encontrara lá em abril.

A anta com insculturas (com *letras*, segundo a voz popular na região) foi ainda recentemente vandalizada, como retaliação numa disputa entre o povo duma freguesia limítrofe e o daquela a que pertence êsse dolmen!

Cerâmica pintada

Na necrópole luso-romana de cremação descoberta recentemente no alto do Sameiro, ao N. da estação de caminho de ferro de Valadares (Gaia) e cujo estudo vai ser feito pelo sr. Ramiro Mourão, apareceram alguns fragmentos de louça pintada romana.

Depois dos estudos notáveis do Prof. Bosch Gimpera, de Barcelona, sôbre a cerâmica ibérica, e do artigo publicado na *Terra Portuguesa* últimamente por Vergílio Correia sôbre as estações portuguesas em que apareceu essa cerâmica, apresentando afinidades com os tipos de decorações simples e geométricos da zona andaluza, torna-se interessante registrar todos os achados arqueológicos de cerâmica pintada.

No Museu Martins Sarmiento, de Guimarães,

vi peças e fragmentos de cerâmica pintada de Moreira de Cónegos (Guimarães), S. Torcato (idem) da gruta de Soalhães (Marco de Canavezes), de Santa Eulália de Barrosas (Louzada), de Freixo (?) e de S. João das Caldas (Vizela). Observam-se em geral traços castanho-avermelhados, vinosos ou brancos contínuos em tórno do bôjo, ou em círculos concêntricos, ou pinceladas curtas, oblíquas. A cerâmica é em geral amarelo pálida. A cerâmica ibérica de Portugal, segundo Vergílio Correia, é antes avermelhada.

Submeti à opinião autorizada de Bosch um fragmento de Valadares e alguns desenhos coloridos (devidos à obsequiosa geñtileza do sr. José de Pina, professor do liceu de Guimarães) de peças pintadas do Museu Martins Sarmiento. Amávelmente, o ilustre professor catalão me exprimiu o parecer de que êsses objectos tem de facto aspecto de coisas romanas. As formas não são ibéricas mas romanas. Quanto à decoração pintada admite a hipótese de uma sobrevivência dos antigos motivos ibéricos, como pensou também perante a cerâmica romana da necrópole espanhola de Carmona. «Seria interessante—diz—estudar êste problema», e acrescenta que em Cadiz e no SE de Espanha, como em Ampúrias, se tem encontrado cerâmica ibérica com objectos romanos.

Mas nos vasos de Valadares como nos de Carmona tem dúvidas sôbre a hipótese de sobrevivências, dado o facto de noutros lugares da

Europa aparecer cerâmica pintada romana com motivos simples.

Castro e tradições na serra da Estrela

Numa excursão à Lagoa Comprida (Serra da Estrela) no verão de 1922 tive notícia dum *castro* na margem esquerda do Alva, a S.O. da Senhora do Desterro (Ceia). Ali apareceram telhas de rebordo e restos de muros.

Talvez se relacione com os restos deste povoado preistórico a existência, na região, de tradições curiosas. Lá me foi repetida, com poucas modificações, a lenda da moura, do padre e dos figos, a que se refere Adelino de Abreu num livro sobre a serra da Estrela. O episódio ter-se-ia dado perto do *castro*. O padre, vendo os figos, teria ainda ouvido uma voz, por certo da moura, que dizia: *Apanhara-los que para ti eram!*...

Sugestões toponimicas

Passando em Lobão, perto de Tondela, nar-raram-me que no meio dum terreno lavradio ao N. daquele povoado, perto da fábrica das Cabecinhas, existe uma pedra direita, parecida com um marco, à qual chamam *Penedo das Arcas*. À beira do caminho de Lobão para Várzea, perto da Póvoa de Rodrigo Alves, existe o *Penedo da Moira*. Segundo as mulheres de Lo-

bão. que ouvi, diz-se na região que há junto desse penedo uma moura enterrada. Esta appareceria por vezes em cima do penedo, dobando numa dobadura ou penteando-se. A uma mulher que a viu, teria dito: «dá-me o teu cabelinho que eu dou-te o meu tesourinho.»

Não me foi possível na ocasião ir vêr estes penedos.

Necrópole luso-romana de Parada

Em Parada (Cête) foi descoberta uma vasta necrópole luso-romana, sôbre a qual escrevi já uma notícia para o *Arqueólogo Português* e a qual já se referiu a imprensa diária. Algumas sepulturas eram construídas com lousas e *tegulae*. Grande parte do espólio dessa necrópole está no Museu Antropológico da Universidade do Pôrto. O achado mais interessante parece-me ser um anel ou argola de cobre, que me foi trazido pelo aluno da Faculdade de Letras do Pôrto, sr.



Humberto Pinto de Lima, e que tem gravada grosseiramente uma ave. Por várias razões, julgo que a necrópole (pelo menos em parte) devê datar do século IV da era cristã. De resto, os numismas achados são de Constante e Constantino I, segundo classificação do sr. Prof. Damião Peres.

*Achados arqueológicos em Oliveira
do Barreiro*

A convite do sr. Dr. Silvério Abranches, de Viseu, visitei em fins de setembro de 1923 a N.N.E. de Oliveira de Barreiro, a cêrca de 200^m de distância da povoação, uma encosta onde há sepulturas abertas na rocha, de tipo comum, e onde aparecem restos de *lateres*, *tegulae*, *imbri-ces*, outros fragmentos cerâmicos, mós manuais, etc. O lugar é conhecido pela *Quinta do Gestal*. Perto, a O. da povoação, visitei também o sítio chamado da *Perpita* ou *Propita*, ainda conhecido por Vinha do Lagar. Parece haver restos dum lagar, além de sepulturas, fragmentos de mosaicos, tijolos, etc. Apareceram ânforas e eu recolhi na ocasião um *pondus*.

MENDES CORRÊA.